

## UTOPIAS NEGRAS: EDUARDO DE OLIVEIRA E OLIVEIRA, EDUCAÇÃO E QUESTÃO RACIAL NO BRASIL (ANOS 1970)

Rafael Petry Trapp\*

[lattes.cnpq.br/8076343067046390](http://lattes.cnpq.br/8076343067046390)

**Resumo:** O presente artigo procura situar historicamente aspectos do pensamento sociológico negro de Eduardo de Oliveira e Oliveira sobre educação e questão racial no Brasil ao longo da década de 1970. São também objeto da reflexão as experiências no campo educacional de grupos de universitários negros brasileiros, mormente do Grupo de Trabalho André Rebouças, da Universidade Federal Fluminense, e de acadêmicos negros da Universidade Federal de São Carlos, no mesmo contexto. Queremos demonstrar a importância das articulações entre raça e educação no questionamento social e político que esses sujeitos endereçaram às suas respectivas universidades.

**Palavras-chave:** Educação; Questão racial; Subjetividade; Eduardo de Oliveira e Oliveira.

### BLACK UTOPIAS: EDUARDO DE OLIVEIRA E OLIVEIRA, EDUCATION AND RACIAL QUESTION IN BRAZIL (1970's)

**Abstract:** This article aims to historically contextualize some aspects of the black social thought of Eduardo de Oliveira e Oliveira about education and racial question in Brazil in the 1970s. We also think about experiences in the educational field of some groups of Brazilian black academics, such as the Working Group André Rebouças, from the Fluminense Federal University, and also of black students from the Federal University of São Carlos, in the same context. We want to demonstrate the importance of the relations between race and education in the social and political questioning that these subjects made to their universities.

**Keywords:** Education; Racial question; Subjectivity; Eduardo de Oliveira e Oliveira.

---

\* Doutorando em História pela Universidade Federal Fluminense (Brasil). Contato: [rafaelpetrytrapp@gmail.com](mailto:rafaelpetrytrapp@gmail.com).

## Introdução

O objetivo desse texto é analisar historicamente aspectos do pensamento sociológico negro de Eduardo de Oliveira e Oliveira sobre educação e questão racial no Brasil. Este cientista social negro desenvolveu nos anos 1970 uma reflexão sobre a situação dos afro-brasileiros em relação ao sistema educacional e à responsabilidade social que a Academia, especialmente a Universidade de São Paulo (USP), deveria cumprir para com essa população exposta ao racismo e à marginalização social, econômica, política e intelectual.

Eduardo fez parte, na realidade, de um questionamento mais amplo sobre o papel da Universidade no enfrentamento do problema racial no Brasil, que começou a formar-se no ambiente acadêmico brasileiro em meados da década de 1970, capitaneado por ativistas e universitários negros. Esse processo, além de Eduardo, na USP, deu-se, no mesmo período, através das atividades do Grupo de Trabalho André Rebouças (GTAR), que reunia estudantes negros da Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói, e de um grupo de acadêmicos negros da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) e da Universidade de São Paulo (USP) desta mesma cidade, no interior do estado de São Paulo. Ambos os grupos estabeleceram trabalhos e uma série de demandas educativas e institucionais para suas respectivas universidades; Eduardo de Oliveira e Oliveira, como veremos, foi uma das figuras-chave nesse contexto.

A discussão que aqui trazemos reporta-se a aspectos relativamente pouco abordados no âmbito da literatura acadêmica sobre história afro-brasileira e educação étnico-racial, que são aqueles referentes aos modos pelos quais, ao longo da década de 1970, universitários negros desenvolveram e inseriram a discussão sobre o racismo e as desigualdades raciais como um imperativo histórico, moral e político das universidades no Brasil. Estamos aqui amparados no espírito da Lei 10.639/03, quando afirma, através de suas *Diretrizes Curriculares*, que “o ensino de História e de Cultura Afro-Brasileira, se fará [...] destacando-se a atuação de ne-

gros em diferentes áreas do conhecimento, de atuação profissional, de criação tecnológica e artística, de luta social [...]” (BRASIL, 2004, p. 22).

Este artigo é resultado parcial de nossa pesquisa de doutorado em História atualmente em curso no Programa de Pós-Graduação em História da UFF, a qual é vinculada e apoiada, através de uma bolsa de pesquisa, ao projeto “Passados presentes: memória da escravidão e políticas de reparação nas políticas públicas na área de Educação no Brasil”, fruto de uma cooperação bilateral entre a Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) e a Associação Columbia Global Center Brasil<sup>1</sup>.

O projeto “Passados presentes” visa contribuir para o debate sobre as reparações para o passado escravista no Novo Mundo, buscando o diálogo entre pesquisadores no Brasil, no Caribe e nos Estados Unidos sobre diferentes experiências de escravização e demandas contemporâneas por políticas públicas de reparação, particularmente aquelas voltadas para a educação. Dialogando com as determinações das Diretrizes Curriculares acima apontadas, este esforço internacional de pesquisa e reflexão tem como um de seus objetivos a “[...] pesquisa acadêmica em história da África e da história da cultura afro-brasileira no país” (MATTOS, 2014, p. 11). Nos somamos, destarte, a tais princípios e ideias, através de uma análise da historicidade das lutas negras brasileiras no campo da educação.

## **Movimento negro e educação no Brasil**

Os movimentos coletivos de negros organizados politicamente - que vamos denominar de Movimento Negro - frequentemente se preocupam com a situação social afro-brasileira do ponto de vista da educação. Este conceito foi pensado e analisado de várias formas, ao sabor dos

---

<sup>1</sup> Este projeto (2015-2017) foi coordenado no Brasil pela Dr.<sup>a</sup> Hebe Mattos, historiadora e professora da UFF, e nos Estados Unidos, pelo Dr. David Scott, antropólogo e professor na Columbia University.

contextos. Leiamos o que afirma Arlindo Veiga dos Santos, destacado membro da Frente Negra Brasileira (FNB), no Manifesto à Gente Negra Brasileira, escrito na São Paulo do ano de 1931: “[...] a questão negra brasileira, segundo a opinião antiga e a contemporânea, que havemos colhido entre a Gente Negra, é antes de tudo *um problema de educação*, intrinsecamente” (1931 apud FERNANDES, 1978, p. 32; grifo no original). A FNB, para o sociólogo Florestan Fernandes (1978, p. 42), fez da educação “[...] condição número um da luta do negro contra a miséria, o ‘preconceito de cor’ e a desorganização social”.

Essa organização, fundada em 1931 na cidade de São Paulo, e malograda em 1937, na esteira da repressão do Estado Novo de Getúlio Vargas, desenvolveu inúmeras atividades no plano educativo e cultural, como cursos profissionalizantes e de alfabetização, e constituiu-se em importante referência histórica e política para o Movimento Negro que surgiria algumas décadas mais tarde no Brasil<sup>2</sup>. Não há registro, todavia, de ações nessa época no sentido de se reivindicar o ensino superior para a educação do negro; forçoso é afirmar que, na verdade, além do sistema universitário brasileiro estar dando seus primeiros passos nos anos 1930 (CARDOSO, 1982), o quadro social dos negros naquele contexto - paulistano, digamos - não lhes franqueava possibilidades de acesso à Universidade.

No Rio de Janeiro, a partir de 1944, o Teatro Experimental do Negro (TEN), centrado na figura do polímata negro Abdias do Nascimento, desenvolveu amplo programa educativo, cultural e político a partir do teatro. As atividades artísticas do TEN, no sentido da valorização da negritude e de luta contra o preconceito racial, aconteciam em paralelo a cursos de alfabetização para negros pobres, domésticas e operários, que ficavam a cargo do advogado e intelectual negro Ironides Rodrigues. Nascimento dá a saber que o TEN, em seu programa de ação, pretendia a “[...] admissão subvencionada de estudantes negros nas instituições de ensino secundário e universitário, onde o negro não entrava como resultado da discriminação e da pobreza resultante de sua condição étnica”

<sup>2</sup> Para uma análise mais aprofundada sobre a relação entre a FNB e a educação, consultar DOMINGUES, 2008.

(NASCIMENTO; NASCIMENTO, 2000, p. 210). Nota-se aí uma sensibilidade para a questão de educação e raça na relação com a Universidade, mesmo que aparentemente não tenha havido maiores desdobramentos em termos práticos da atuação do TEN nesse âmbito.

A partir do final da década de 1960, sob uma Ditadura Militar e uma modernização conservadora, há uma notável expansão do sistema universitário brasileiro, em especial no setor privado. Ainda que de forma tímida, muitos negros passam a ter acesso à educação superior. Tal quadro, todavia, não significou uma inclusão social de fato e a eliminação do problema racial dessas pessoas no cotidiano urbano em plena expansão no Brasil. O intelectual negro Joel Rufino dos Santos (1985, p. 290) enfatiza que “disputando lugares com graduados brancos [...] em igualdade de condições, esses diplomados negros foram geralmente preteridos, ou remunerados em média 30% abaixo”; o autor diz ainda que “não se confirmou a geral expectativa de que a internacionalização e o acelerado crescimento da economia brasileira anulassem as desvantagens baseadas na cor” (SANTOS, 1985, p. 290).

A percepção, por uma emergente classe média universitária negra, da permanência do racismo e da discriminação foi um dos fermentos psicossociais que ensejou a constituição do moderno Movimento Negro brasileiro na década de 1970, como conclui Joel Rufino. Consciente de tal percepção sobre a realidade social brasileira, esse Movimento Negro terá expressão política e cultural também de uma forma propriamente universitária. Em São Paulo e no Rio de Janeiro vários grupos se organizam ao longo dos anos 1970, naquilo que o antropólogo Alex Ratts (2011, p. 29) define como “Movimento Negro de base acadêmica”, quando “[...] ativistas que participam da reorganização do movimento negro contemporâneo, também se situam no interior de algumas universidades públicas e privadas e chegam a constituir grupos de estudo e de intervenção nesse âmbito [...]”.

Esse movimento de base acadêmica assume feições diversas no período considerado. Em 1972 surge um dos mais importantes grupos da cena paulistana, o Grupo de Trabalho de Profissionais Liberais e Universitários Negros (GTPLUN), que tinha como figura de proa Iracema de

Almeida, considerada a primeira médica negra a se formar na Escola Paulista de Medicina, nos idos da década de 1940. O GTPLUN, formado “quase que exclusivamente [por] universitários e profissionais liberais, [tinha] a sua orientação voltada para uma integração do negro na sociedade” (SANTOS, 2005, p. 56), desenvolvia cursos de profissionalização e de história e cultura afro-brasileira e africana. Iracema (1980, p. 6) é enfática no sentido de que “um ponto importante para todos nós é o mercado de trabalho, é a profissionalização, a melhoria de nível econômico do negro”. O GTPLUN contou com sede própria e grande infraestrutura, recebendo inclusive verbas da Inter American Foundation (IAF) em 1977, agência norte-americana de fomento<sup>3</sup>. Talvez tenha sido o primeiro grupo de grande envergadura no Brasil, mormente em São Paulo, a articular universitários sobre questões de educação e profissionalização do negro. Não sabemos, porém, se a problemática da inserção dos afro-brasileiros nas próprias universidades era uma pauta do GTPLUN<sup>4</sup>.

Também em São Paulo o Centro de Cultura e Arte Negra (CECAN), entidade fundada por Eduardo de Oliveira e Oliveira e a atriz negra Tereza Santos, em 1971, congregou “[...] uma nova geração de pensadores e ativistas negros oriundos da população estudantil das universidades de São Paulo” (ALBERTO, 2011, p. 287). O CECAN atuou inicialmente na área cultural com o teatro negro, através da “criação de uma identidade étnica, recuperando os valores culturais do povo negro por meio da mobilização e [...] do resgate da história e da cultura incorporando, em ambos, os elementos de luta e resistência” (SILVA, 2012, p. 13). Alguns de

<sup>3</sup> Os 40.000 dólares que a IAF destinaria ao GTPLUN não chegaram. O Governo Geisel, bem ao espírito ditatorial e baseado na crença da “democracia racial”, não permitiu o financiamento. Ver PEREIRA, 2013, p. 202-206.

<sup>4</sup> Pela amplitude do trabalho do GTPLUN na década de 1970, e pelo fato de ser formado por universitários negros, supomos que talvez essa fosse uma pauta possível. Por falta de fontes e informações mais elementares sobre a história e dinâmica do GTPLUN, ficamos no campo da suposição. Essa, e outras questões, podem vir a ser sanadas a partir de um trabalho de entrevistas com ex-integrantes do grupo, dada a evidência da bibliografia sobre o GTPLUN ser praticamente inexistente - temos no máximo esparsas referências sobre o grupo e sobre Iracema de Almeida em alguns poucos artigos e livros. Trata-se de uma lacuna - incompreensível - a ser preenchida no campo da história afro-brasileira contemporânea.

seus membros, como Hamilton Cardoso, Milton Barbosa e Rafael Pinto, estiveram mais tarde na origem da criação do Movimento Negro Unificado, em 1978.

É em Niterói e no Rio de Janeiro, entretanto, que veremos, pela primeira vez, universitários negros brasileiros discutindo os temas e problemas do negro dentro da - e para a - Universidade. Estamos falando do Grupo de Trabalho André Rebouças (GTAR), reunião de estudantes negros da Universidade Federal Fluminense que desenvolveu, a partir de 1973, intensas discussões sobre o papel do negro na história e sociedade brasileiras. Entre seus membros estavam a historiadora negra Beatriz Nascimento, Marlene Cunha e Andreino Campos, entre outros. Em 1976 o GTAR organizou a I Semana de Estudos Sobre a Contribuição do Negro na Formação Social Brasileira, que contou com a presença de pesquisadores do Rio e de São Paulo, como Beatriz Nascimento, Carlos Hasenbalg, Eduardo de Oliveira e Oliveira. Este evento tinha como alguns de seus objetivos os seguintes:

- 1 - Introduzir gradualmente na Universidade [Federal Fluminense] créditos específicos sobre as Relações Raciais no Brasil, principalmente nos cursos que abrangem a área de Ciências Humanas.
- 2 - Tentar uma reformulação no programa de Antropologia do Negro Brasileiro, no ICHF, que foi organizado há dez anos e que permanece sem nenhuma alteração. (GTAR, 1976, p. 1).

Havia, portanto, a intenção, oriunda da ação dos próprios alunos negros, de colocar a questão das relações raciais na Universidade a nível curricular, algo novo naquele contexto. Os objetivos dos integrantes do GTAR giravam em manter “uma linha de atuação acadêmica que os beneficiou duplamente, ou seja, por um lado no sentido de conhecimento científico, e por outro lado no sentido de se preparar para uma ação voltada para a comunidade de onde procedem” (GTAR, 1978, p. 2). Para Ratts (2011, p. 33), “o GTAR se constituiu como um projeto de negritude acadêmica, formando acadêmicos ativistas [...]”. Uma das maiores expoentes nesse sentido foi Beatriz Nascimento, que desenvolveu posteriormente

trabalho político e intelectual no campo de relações raciais e da história do negro no Brasil<sup>5</sup>.

Beatriz tornou-se amiga e interlocutora de Eduardo de Oliveira e Oliveira a partir de 1976, quando o sociólogo participa pela primeira vez do encontro promovido pelo GTAR. Houve outra ocasião na qual Eduardo esteve junto ao GTAR, na II Semana de Estudos, em novembro de 1977<sup>6</sup>. Esse é um momento importante para a reflexão sobre negritude e educação, como veremos a seguir.

### **Aspectos do pensamento de Eduardo de Oliveira e Oliveira**

Como foi dito acima, Eduardo esteve novamente em Niterói em 1977. Antes de adentrarmos nesse tópico, todavia, é importante situarmos aspectos de sua trajetória acadêmica e intelectual, umbilicalmente ligada, entre os anos 1960-70, à Universidade de São Paulo - mas também à UFSCAR, posteriormente.

Nascido no Rio de Janeiro em 1924, Eduardo foi um ativista, músico, teatrólogo, publicitário, professor, e, sobretudo, sociólogo – negro. Em meados dos anos 1950 mudou-se para São Paulo, onde, posteriormente, entre 1960 e 1964, realizou o curso noturno de Ciências Sociais na USP – na época ainda no prédio da rua Maria Antonia. Ao que parece, foi o primeiro sociólogo autoidentificado como negro formado pela USP (CANDIDO, 2015). Era um indivíduo de classe média, conhecido pela elegância e refinamento pessoal e intelectual; transitava, contudo, em vários mundos sociais distintos. Em termos simbólicos, poderia ser considerado um integrante típico do GTPLUN.

Em 1972, iniciou o mestrado em Sociologia nesta mesma universidade, sob a orientação do sociólogo Ruy Coelho. Em 1974 a orientação

---

<sup>5</sup> Ver RATTIS, 2007. Esse livro reúne vários textos de Beatriz e conta com uma bela introdução sobre a vida e obra dessa intelectual negra.

<sup>6</sup> No mesmo evento participaram como conferencistas, além de Oliveira, Carlos Hasenbalg, Roy Glasgow, Vicente Salles, Décio Freitas e Maria Berriel.

passou para o antropólogo João Baptista Borges Pereira. Sua pesquisa, intitulada *Ideologia Racial: estudo de relações raciais*, dizia respeito, em uma visão global e sumária, à subjetividade negra no Brasil vista da perspectiva de um pesquisador-sujeito identificado - como negro - com o “objeto”; queria, ainda, entre outras coisas, demonstrar uma universalidade das experiências histórica e sociológica negra nas Américas (OLIVEIRA, 1972). A partir de 1974, na sequência da qualificação, passou ao nível de doutoramento em Sociologia<sup>7</sup>.

Além da dedicação à pós-graduação na USP, Eduardo atuou em vários campos diferentes, no transcurso da década de 1970. Organizou exposições sobre negritude no Museu de Arte de São Paulo (MASP), em 1973; em 1976, em uma parceria com o Consulado Norte-Americano de São Paulo e o MASP, idealizou o ciclo de eventos O Negro na Vida Americana: da Independência aos nossos dias; em 1977 organizou a Quinzena do Negro da USP, série de palestras, oficinas, exposições e conferências nos quais participaram acadêmicos negros do Brasil e dos Estados Unidos; ainda em 1977, juntamente com Beatriz Nascimento e o sociólogo Clóvis Moura, coordenou o simpósio Brasil Negro, na 29ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência (SBPC), realizada na PUCSP. Em meados de 1979 foi contratado como professor de sociologia na Universidade Federal de São Carlos, função que exerceu por pouco mais de um ano. Em 20 de dezembro de 1980, faleceu, aos 56 anos, na cidade de Itapira, interior de São Paulo.

Seu trabalho cultural, político e, sobretudo, intelectual - basicamente no campo da Sociologia -, caracterizou-se por uma preocupação central: a de se tomar o negro como um sujeito, um agente de si, consciente da negritude que lhe é própria – e inexorável. Um dos objetivos da Quinzena do Negro, momento fundamental para a negritude paulistana em plena efervescência política, reflete essa preocupação. Nas palavras

---

<sup>7</sup> A tese acabou não sendo defendida. Na realidade, há notícias de que ela teria sido terminada, mas não se conservou nenhum exemplar. Eduardo, que havia sido bolsista da FAPESP e da Fundação Ford anos antes, teria perdido o prazo para a defesa do doutorado em 1978. Esta última informação foi concedida por Gilcéria de Oliveira. Entrevista para o autor em 25/05/2015.

de Eduardo: “Esta quinzena, às vésperas dos 90 anos da abolição da escravatura [...] caracteriza-se por um aspecto que nos parece da maior relevância – revelar o negro como criatura e criador. Numa palavra: Sujeito” (1977 apud ARAÚJO, 2001, p. 287). Este evento marca a presença, real e simbólica, dos negros dentro da Universidade de São Paulo, discutindo as questões que lhes eram caras a partir de seu próprio ponto de vista. Ouçamos o discurso de nosso personagem:

Nós temos direito a essa instituição, sobretudo essa aqui [a USP] que é pública. E o fato de fazer [a Quinzena do Negro] dentro da universidade é para que a universidade assumira sua responsabilidade para formar mais negros, para que possam, como Beatriz [Nascimento], que passou por uma universidade, de ir ao quilombo, à favela, seja lá onde for, e dar os ensinamentos dela lá. Agora, sem uma universidade, sem um crédito, seria até impossível eu conseguir esta semana aqui, porque eu seria apenas um negro. Hoje, depois de dez anos ou doze anos de trabalho, já me mandam entrar e sentar, porque eu sou Eduardo de Oliveira e Oliveira, que tem um título, que não pretende ser doutor, que não se branqueou, mas que usa disso como instrumento de trabalho para poder se afirmar como negro e ajudar a que outros negros se afirmem como tal. (OLIVEIRA apud RATTS, 2007, p. 42).

A força dessas palavras, pelo questionamento direcionado à USP, dá dimensão do trabalho que o sociólogo vinha desenvolvendo no período. A segunda metade dos anos 1970 é a época em que Oliveira demonstra maior tenacidade em sua atuação no cenário intelectual paulistano – e brasileiro. Embora seu texto mais conhecido, a resenha *O mulato, um obstáculo epistemológico*, tenha sido escrita em 1972, é entre os anos de 1977-79 que seus escritos mais substanciais são pensados e discutidos. Em abril de 1977, na Quinzena do Negro, Oliveira apresentou uma conferência intitulada *Etnia e Compromisso Intelectual*. Dessa conferência conservou-se um rascunho bastante lacunar (OLIVEIRA, 1977b). Entretanto, meses depois, em novembro, apresentou trabalho idêntico justamente na II Semana de Estudos do GTAR em Niterói, da qual se tem um texto completo, publicado no *Caderno de Estudos* do dito evento.

O texto homônimo toma por objeto pensar como se relacionavam, naquele momento, os afro-brasileiros com o campo do saber. Oliveira se preocupa em entender “[...] como se equaciona negro e intelectual - se é que se equacionam? É o negro, e particularmente o negro brasileiro, identificável com tal categoria, ou tem que reivindicar uma tal atribuição?” (OLIVEIRA, 1977a, p. 22; grifos no original). Podemos também perguntar: de que forma a educação e a escolaridade influenciavam a forma como os negros são vistos perante as atividades intelectuais? Ele pontua que “diante dos critérios brasileiros para o reconhecimento do Ser ‘intelectual’ estarem ligados ao nível de escolaridade, que tem como corolário atribuir a inteligência e o status correspondente, é de se deduzir que nós negros, estamos ‘por fora’” (OLIVEIRA, 1977a, p. 25; grifos no original). Se nos dias de hoje isso ainda se mantém como realidade, isto é, uma associação entre raça, escolaridade e inteligência, nos anos 1970 não era diferente. Aliás, ele diz em outra ocasião que, “no caso da Universidade, ao que concerne particularmente ao Negro, automaticamente ele não era [1974] um elemento um tanto quanto identificável com o sistema superior de ensino” (OLIVEIRA, circa 1974, p. 1).

A resolução desse problema negro e brasileiro teria necessariamente que advir de uma conscientização de grupo, ponto de partida para a construção de um compromisso intelectual em torno de novas teorias, paradigmas e instrumentos sociológicos com olhos na mudança social. A ideia de uma “sociologia negra” emerge dessas condições, “como um passo positivo para o estabelecimento de definições básicas, conceitos e construções teóricas que utilizem as experiências e histórias dos afro-brasileiros” (OLIVEIRA, 1977a, p. 26). Nesse sentido,

É preciso que nos proponhamos a organizar um programa prático, orientado para as comunidades, nos colocando no campo, para aplicar o pouco da ciência que aprendemos, procurando usar o conteúdo de nossa própria experiência em cada área de trabalho, já que as pesquisas raramente ajudam a resolver nossos problemas. (OLIVEIRA, 1977a, p. 26).

Esse pragmatismo da posição intelectual de Oliveira já transparece nos debates da Quinzena do Negro, meses antes. Ante uma ciência so-

cial vista como teórica e especulativa, e escrita, até aquele momento, majoritariamente por brancos, contrapunha-se um sentido prático da intervenção intelectual do cientista social negro. Esse é o tom da conferência *De uma ciência Para e não tanto sobre o negro*, apresentada pelo sociólogo em julho de 1977, na 29<sup>a</sup> Reunião Anual da SBPC, na PUCSP. Aqui o interesse de Oliveira é tratado em termos de uma Sociologia do Conhecimento, pois estão sendo questionados os referenciais sociológicos pelos quais se analisa as especificidades e problemas sociais do contingente populacional negro no Brasil. Em suas palavras, seria preciso criar

[...] um corpo de conhecimentos que seja aplicado, e útil, quando aplicado, ao problema que o negro enfrenta. As teorias sobre economia, educação, personalidade, possivelmente não podem ser as mesmas para a gente negra e a gente branca [...]. As teorias aplicáveis, e seus modelos, devem ser aqueles derivados das experiências dos negros; como elas são percebidas e reagidas pelos negros. (OLIVEIRA, 1977c, p. 10).

Vemos tomar corpo um programa teórico para o negro brasileiro no pensamento e na ação pública de Eduardo de Oliveira e Oliveira – que assumirá novas dimensões nos anos ulteriores. Vivia-se, na realidade, um momento especial de atividade política negra naqueles anos. Em julho de 1978, já em um contexto de distensão política da Ditadura Militar, seria formado o Movimento Negro Unificado (MNU), em São Paulo, resultado da conjunção de várias entidades e movimentos negros do Brasil. O MNU confrontava abertamente o discurso da “democracia racial” e colocava em xeque a ideologia racial brasileira, através da denúncia do racismo como elemento estruturante das desigualdades sociais no país.

O MNU, além disso, requeria uma nova visão sobre o papel do negro na história do Brasil, forçando assim também um reajuste das lentes historiográficas e sociológicas da Academia, como propugnava Eduardo no mesmo contexto. É na cidade de São Carlos, no interior de São Paulo, porém, que o Movimento Negro, através de um grupo de jovens universitários, dará impulso, assim como o GTAR de Niterói, a um debate sobre o papel da Universidade e da educação em relação às problemáticas de or-

dem étnico-racial. Esse debate em São Carlos e na UFSCAR terá em Eduardo um de seus personagens mais importantes.

### **Educação e questão racial: a experiência de São Carlos**

A década de 1970 é um período no qual o Movimento Negro também está em plena atividade no interior de São Paulo. Em São Carlos, de uma intensa movimentação cultural e política surgem alguns grupos negros, tais como o Grupo Teatral Rebu, em 1972, e o Centro de Cultura Afro-Brasileiro Congada, em 1976. Ambos realizavam ações no campo cultural, em um contexto de crescente conscientização política negra, através da denúncia do racismo – dimensão importante do trabalho desses grupos. Também, no final da década, passou a ser realizado, em São Carlos e outras cidades do interior do estado, o Festival Comunitário Negro Zumbi (FECONEZU), reunindo dezenas de entidades negras paulistas em encontros anuais. O primeiro realizou-se em Ribeirão Preto, em 1979, e o segundo, em São Carlos, no campus da USP em São Carlos, em 1980. (AGUIAR, 1998).

A maneira como a Universidade pública brasileira se relacionava com os negros e a questão racial era um ponto de reflexão para os ativistas dessa cidade, muitos deles universitários da UFSCAR e da USP. Nesse sentido, o engenheiro, sociólogo e ativista negro Henrique Cunha Jr. afirma o seguinte:

Nós havíamos, desde o começo da década de 70, reclamado uma revisão da educação brasileira. Esse grupo tomou para si a tarefa de um diagnóstico de alguns aspectos da questão das relações raciais e educação no Brasil. Alguns dos membros do grupo, a partir das constatações iniciais, passaram a realizar pós-graduação em educação na Universidade Federal de São Carlos. (CUNHA JR., 1992, p. 99).

Constitui-se, então, entre esses universitários negros, uma consciência da importância da Universidade - e da educação formal - para a su-

peração do racismo e dos problemas sociais afro-brasileiros. Para Casimiro Pascoal (2015), que foi membro do Grupo Congada, o discurso da Universidade sobre as questões de raça, no caso a UFSCAR, era visto como ou inexistente ou muito distante da realidade dos negros. A partir disso, universitários negros da UFSCAR e da USP São Carlos, em conjunto com outros membros da comunidade negra são-carlense, passaram, no final dos anos 1970, a demandar maior atenção da UFSCAR para suas necessidades, questões e problemas. A Universidade passou a ser encarada, como já havia sido pelo GTAR na UFF e na Quinzena do Negro na USP, como um local simbólico e estratégico para o empoderamento negro.

É precisamente nessa época, em 1978, que, respondendo a uma demanda da comunidade negra local, organizada politicamente, Eduardo será contratado como professor de sociologia na UFSCAR. O sociólogo era já visto como intelectual negro de referência em São Paulo. A contratação de Oliveira representava a possibilidade aventada de começar a idealizar e construir, no interior de uma universidade pública, uma sociologia - ou ciência social - do negro brasileiro - de seu próprio ponto de vista.

Oliveira trouxe consigo sólida experiência na área cultural e também um aporte sociológico de primeira linha no campo de relações raciais, fruto de uma formação acadêmica - na graduação e pós-graduação - na Universidade de São Paulo, e de um permanente diálogo e intercâmbio com acadêmicos e intelectuais negros de vários lugares do Brasil e do mundo, em especial dos Estados Unidos.

Seu projeto para a UFSCAR era ambicioso. O fulcro de suas ideias estava na construção de um “Núcleo brasileiro-africano de estudos e documentação” nesta universidade, que seria como que um laboratório para seus planos com relação ao negro e à sociologia brasileira de relações raciais. A ideia parecia já ter-lhe ocorrido pelo menos desde meados de 1977. Em julho desse ano ele escreveria em uma correspondência: “Estou interessado em São Carlos, não só para ministrar sociologia [...], mas, sobretudo, para a instalação de um Centro de estudos de relações raciais” (OLIVEIRA, 1977).

Como haveria de ser, dificuldades se colocavam no caminho desse empreendimento. Entre elas estava a pouca compreensão, pelos negros, “da necessidade da implantação de estudos negros nas universidades (e não por qualquer grupo ou pessoa) e segundo, desde que os negros não exigem ou pedem, as universidades não se vêm forçadas a um tal mister” (OLIVEIRA, 1979, p. 1). A contratação pela UFSCAR deu aporte institucional ao projeto - que talvez não tenha encontrado na USP - e demonstrou que a mencionada debilidade da consciência dos negros em demandar às universidades estava perdendo o sentido.

Sua correspondência da época é pródiga em demonstrar seu empenho para a concretização do Núcleo - inclusive do ponto de vista de sua articulação internacional.<sup>8</sup> Em carta para a historiadora norte-americana Mary Karasch em 1978, Oliveira diz que “Estamos organizando [...] um ‘Núcleo Brasileiro-Africano de Estudos e Documentação’, sendo este, cremos, o primeiro setor em universidade brasileira a tratar em nível de instituição do negro brasileiro”. Para Dorothy Porter, bibliotecária e intelectual afro-americana, diz: “Gostaria de conversar com você [...] sobre a possibilidade de algum acadêmico negro [dos Estados Unidos] ficar um ou dois anos entre nós... Digo, no lugar onde estou tentando implementar estudos afro-brasileiros”. O Núcleo promoveria um sem-número de atividades:

De uma perspectiva regional – tomando “a universidade a serviço da comunidade”, o núcleo deve promover semanalmente uma introdução a estudos brasileiro-africanos com o escopo de fomentar o interesse por este aspecto da história e realidade nacional. Tratar-se-á de especificar didaticamente o processo de informação, organizando-se palestras ou cursos através de abordagens históricas, antropológicas, sociológicas, psicológicas, literárias, etno-musicológicas, etc. (OLIVEIRA, 1977d, p. 2).

<sup>8</sup> Oliveira havia recebido prospectos positivos da Fundação Ford, da Fullbright, da UNESCO para América Latina, bem como de personalidades importantes no período, como Antonio Candido e Fernando Henrique Cardoso, para apoio financeiro e institucional do Núcleo. Cf. Coleção EOO/UEIM-UFSCAR, Série Correspondências, 1977-78.

Apesar da estrutura ter sido pensada enquanto instituição universitária, ela não se restringia a tal, pois na concepção do Núcleo previa-se a “divulgação a nível público (e não tanto a nível meramente universitário e para universitários) de uma introdução a estudos brasileiro-africanos com o que se fomentaria o interesse por este aspecto da história e realidade nacional” (OLIVEIRA, 1978, p. 3).

É preciso ter claro que a arquitetura mais ampla do Núcleo consubstanciava, para além da efígie pessoal de Oliveira, aspectos político-culturais diversos e conhecimentos acumulados no decorrer dos anos 1970 pelos ativistas e universitários negros de Niterói, Rio de Janeiro, São Paulo, São Carlos, entre muitos outros lugares do Brasil e alhures. Não se pode esquecer que em 1978 o MNU havia surgido no cenário político das relações raciais no Brasil, colocando a questão racial como desafio público da agenda nacional brasileira. Em 1979, também, outro acontecimento: o sociólogo Carlos Hasenbalg publica o livro *Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil*, dissecando os mecanismos sociais e discriminatórios através dos quais se perpetuavam as desigualdades raciais - sendo a educação um dos principais condicionantes dessa situação. O livro de Hasenbalg ofereceu uma base empírica e teórica para a luta política negra na área da educação. Tendo esse quadro histórico em mente, chegamos a um ponto deveras importante desse artigo.

Oliveira pensou e escreveu um curso para o Núcleo de Estudos na UFSCAR, em meados de 1979, intitulado justamente *Educação e questão racial*. É provável que tenha sido uma das primeiras experiências no ambiente acadêmico brasileiro a articular educação e raça sob a forma de um curso. A proposta consistia em um curso optativo<sup>9</sup>, “introdução sumária, generalizada (e não geral) a uma Sociologia da Cultura Brasileira, da perspectiva da educação e raça”, oferecido no segundo semestre do ano de 1979, semanalmente à noite “para toda e qualquer pessoa interes-

<sup>9</sup> Oliveira não chegou a lecionar na grade curricular regular da UFSCAR. Teria ofertado apenas “cursos livres”. Informação concedida por José Cláudio Berghella. Entrevista para o autor em 19/05/2015. O arquivo pessoal de Oliveira conserva os planos de dois desses cursos. Além de “Educação e questão racial”, também existe “Sociologia da vida afro-brasileira”.

sada, em observação ao princípio... ‘a Universidade a serviço da comunidade’” (OLIVEIRA, circa 1979, p. 2). Na justificativa, Oliveira faz uma radiografia sumária da questão racial, dizendo que “[...] o brasileiro não quer, realmente, reconhecer o problema que o homem negro representa na sociedade brasileira” (OLIVEIRA, circa 1979, p. 1; grifo no original). Entre nós, o “mais daltônico dos povos”,

Por séculos a questão pode ser disfarçada, mesmo escondida – sobretudo na medida em que a soi-disant minoria negra não tinha “fala”. Atualmente como grupo começa a propor seu próprio discurso, relegado que esteve, por questões históricas, até hoje, a um segundo plano. (OLIVEIRA, circa 1979, p. 1; grifo no original).

A emergência dessa “fala” de uma minoria - que na verdade pode ser vista como uma maioria - esteve ligada, como vimos no caso do GTAR, à consciência da negritude e da realidade do racismo na relação com a educação - educação como potencialidade e prática de liberdade. Embora o discurso estivesse sendo construído na esteira de um otimismo político no período de ocaso da Ditadura Militar, a realidade educacional dos negros era muito ruim. Os negros *não estavam* nem na USP nem na UFSCAR, e nem em qualquer outra universidade brasileira. Por quê? Para entender essas razões, Eduardo prossegue indagando: “Que papel teve e tem a educação e a questão racial na formação do brasileiro, e, em particular, do brasileiro negro?”; ainda, mais uma vez, “como a sociedade reage a este grupo, e como este grupo por sua vez reage a esta mesma sociedade se, (no que concerne a educação), por quase quatrocentos anos foi-lhe negada a educação?” (OLIVEIRA, circa 1979, p. 1).

As páginas restantes desse documento são dedicadas aos conteúdos das aulas, tais como história do negro no Brasil, escravidão, relações raciais, religião, entre outros. A XV semana de aula estava dedicada à “Educação na visão contemporânea de alguns teóricos. O que se pode refletir sobre o negro a partir dessa visão” (OLIVEIRA, circa 1979, p. 6); em seguida são citados alguns teóricos que da questão educacional, em particular Anísio Teixeira e Paulo Freire. A pesquisa de arquivo não encontrou mais informações sobre esse curso, nem qualquer outro texto de

Eduardo que falasse em termos de raça e educação dessa maneira. O sociólogo ficou pouco tempo na função de professor contratado - aproximadamente um semestre. Em maio de 1980 pediria voluntariamente desligamento da UFSCAR (OLIVEIRA, 1980); oito meses depois morreria, prematuramente, aos 56 anos, no auge de sua maturidade intelectual - e da maioridade política que o Movimento Negro começava a consolidar na história contemporânea brasileira. O Núcleo Brasileiro-Africano de Estudos e Documentação, na forma sonhada por Eduardo, também feneceu naquele momento.

A memória de sua passagem por São Carlos manteve-se, contudo. Além do fato de seu acervo pessoal ter sido doado para a universidade<sup>10</sup>, em 1984 foi criado o Grupo de Cultura Afro-brasileira da UFSCAR, “a partir de propostas de Eduardo de Oliveira e Oliveira e de alunos e funcionários da Universidade Federal de São Carlos, ligados ao Centro de Cultura Afro-Brasileira Congada” (AGUIAR, 1998, p. 72). Esse grupo trabalhou, entre outras frentes, com questões de educação e cultura afro-brasileira. Ainda sobre o papel de Eduardo no debate sobre educação e questão racial na UFSCAR, Casimiro Pascoal pontua:

Na década de 1970, particularmente em 1979, Eduardo Oliveira Oliveira, sociólogo negro [...] já trazia a discussão no sentido de esta universidade, a UFSCAR, ser pioneira para alavancar essa discussão de fundamental importância, nos dias de hoje. Desde aquela época, era posta na pauta das discussões de estudantes e [do] professor negro desta universidade a problemática da apropriação do conhecimento, da apropriação da cultura, do saber africano pela universidade, mantendo-se ela distante da comunidade negra. Da importância da comunidade negra estar presente no interior da universidade. (PASCOAL, 2007, p. 89).

O Grupo de Cultura Afro-brasileira da UFSCAR esteve na origem da criação, em 1991, do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (Neab) dessa mesma universidade, que se tornou um dos Neabs mais importantes do Brasil, justamente através da discussão sobre educação e relações étnico-

---

<sup>10</sup> Em 1982 a família doou os documentos e a biblioteca de Oliveira para o então Arquivo de História Contemporânea da UFSCAR, onde permanece para consulta pública. Ver GUIMARÃES; HAYASHI, 1984.

raciais (AGUIAR, 1998, p. 75-6). O Neab teve entre seus fundadores a educadora negra Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva<sup>11</sup>, que fez carreira docente na UFSCAR e que foi, além disso, a relatora do Parecer CNE/CP3/2004 que instituiu as *Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana*, aprovados pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) em 2004.<sup>12</sup> Não estamos a sugerir uma linha evolutiva, causal ou mecânica entre o domínio histórico da década de 1970 com aquele de nossos dias; de qualquer forma, são histórias conectadas e que dialogam entre si – passados presentes?<sup>13</sup>

## Considerações finais

A atuação de Eduardo, do GTPLUN, do GTAR, dos universitários negros de São Carlos e de outras incontáveis pessoas, faz parte, portanto, do lastro histórico, cultural e político que veio a se formatar nas Diretrizes, que marcam, por sua vez, um novo estágio no espectro brasileiro da discussão sobre raça e educação. Citávamos trecho dessas Diretrizes no início de nosso trabalho; fechamos, por ora, essa breve narrativa sobre educação e questão racial no Brasil, cientes de que muitas outras virão à tona através da pesquisa histórica.

Dissemos também, há pouco, que nossa pesquisa de arquivo sobre Eduardo de Oliveira e Oliveira não havia encontrado outros textos seus sobre educação e questão racial além daqueles que analisamos. Engano aparente. Um olhar mais atento ajudou a encontrar, no arquivo em São Carlos, um bilhete escrito à mão por Oliveira, ao que tudo indica para o Simpósio Brasil Negro, por ele coordenado na 29<sup>a</sup> Reunião Anual da SBPC, em julho de 1977, em São Paulo (cf. referência ao final do texto).

<sup>11</sup> Sobre a trajetória de Petronilha, ver SILVA, 2011.

<sup>12</sup> Sobre as Diretrizes, ver MATTOS; ABREU, 2008.

<sup>13</sup> Alusão simbólica ao título - e conteúdo - do projeto de pesquisa mais amplo ao qual este trabalho está ligado, “Passados presentes”, conforme citado na introdução do presente artigo.

Aquela era a primeira vez que a SBPC, na época um importante fórum de debate científico - e de resistência à Ditadura -, se defrontava com a presença de negros falando sobre negros. No bilhete, algumas frases soltas, não sistematizadas, mas enfáticas e eloquentes. Consideramos uma boa maneira de encerrar esse texto citar uma dessas frases. Assim escreveu o sociólogo: de que serve a educação, se sempre teremos que cozinhar e servir?

\* \* \*

## Referências

- AGUIAR, M. M. *As organizações negras em São Carlos: política e identidade cultural*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1998.
- ALBERTO, P. *Terms of inclusion: black intellectuals in Twentieth-Century Brazil*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2011.
- ALMEIDA, I. Entrevista. *Jornegro*, São Paulo, n. 10, ano 3, 1980, p. 4-6.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília (DF): MEC, 2004.
- CARDOSO, I. *A Universidade da Comunhão Paulista: o projeto de criação da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Cortez/Ed. Autores Associados, 1982.
- CUNHA JR., H. *Textos para o movimento negro*. São Paulo: EDICON, 1992.
- DOMINGUES, P. Um “templo de luz”: Frente Negra Brasileira (1931-1937) e a questão da Educação. *Revista Brasileira de Educação*, v. 13, n. 39, p. 517-96, 2008.
- FERNANDES, F. *A integração do negro na sociedade de classes*. V. 2. No limiar de uma nova era. 3. ed. [1. ed. 1965]. São Paulo: Ática, 1978.
- GRUPO DE TRABALHO ANDRÉ REBOUÇAS. *I Semana de Estudos Sobre o Negro na Formação Social Brasileira*. Niterói: UFF, 1976.

- \_\_\_\_\_. *III Semana de Estudos Sobre o Negro na Sociedade Brasileira*. Niterói: UFF, 1978.
- GUIMARÃES, V.; HAYASHI, M. *Inventário analítico da coleção “Eduardo de Oliveira e Oliveira”*. São Carlos: Arquivo de História Contemporânea/Secretaria da Cultura de São Paulo, 1984.
- HASENBALG, C. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- HOFBAUER, A. *Uma história de branqueamento ou o negro em questão*. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.
- MATTOS, H.; ABREU, M. Em torno das “Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana”: uma conversa com historiadores. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 41, p. 5-20, 2008.
- MATTOS, H. *Passados presentes: memória da escravidão e políticas de reparação nas políticas públicas na área de Educação no Brasil - Projeto de Pesquisa*. Texto não publicado. Rio de Janeiro: UFF/FAPERJ/Associação Columbia Global Center Brasil, 2014.
- NASCIMENTO, A.; NASCIMENTO, E. L. Reflexões sobre o Movimento Negro no Brasil, 1938-1997. In: HUNTLEY, L.; GUIMARÃES, A. S. A. (org.). *Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 203-35.
- PASCOAL, C. Depoimento. In: SILVA, P. B. G.; BERNARDES, N. M. G. (org.). *Roda de conversas - Excelência acadêmica é a diversidade*. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 30, n. 61, p. 53-92, 2007.
- PEREIRA, A. *O Mundo Negro: relações raciais e a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas/FAPERJ, 2013.
- RATTS, A. *Corpos negros educados: notas acerca do movimento negro de base acadêmica*. *Nguzu*, Londrina, v. 1, n. 1, p. 28-39, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa Oficial/Instituto Kuanza, 2007.
- SANTOS, J. R. O Movimento Negro e a crise brasileira. *Política e Administração*, Rio de Janeiro, v. 2, p. 285-308, 1985.
- SANTOS, I. A. A. *O Movimento Negro e o Estado: o caso do Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra no Governo de São Paulo (1983-1987)*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- SILVA, J. M. F. *Centro de Cultura e Arte Negra - CECAN*. São Paulo: Selo Negro, 2012. Coleção Retratos do Brasil Negro.

SILVA, P. B. G. *Entre o Brasil e África: construindo conhecimento e militância*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

## Fontes

- OLIVEIRA, E. O. Bilhete redigido à mão, circa jul. 1977e. São Carlos: Coleção EOO/UEIM-UFSCAR, Série Folhas Volantes [folha avulsa].
- \_\_\_\_\_. Currículo de Eduardo de Oliveira e Oliveira, 1975. Coleção EOO/UEIM-UFSCAR, Série Documentos Pessoais.
- \_\_\_\_\_. *Da instalação de um Núcleo Brasileiro-Africano de Estudos e Documentação*, circa 2.º semestre de 1977d. São Carlos: Coleção EOO/UEIM-UFSCAR, Série Produção Intelectual.
- \_\_\_\_\_. *Da natureza de um Centro para o estudo da - HISTÓRIA, VIDA E CULTURA DO NEGRO*, 1978. São Carlos: Coleção EOO/UEIM-UFSCAR, Série Produção Intelectual.
- \_\_\_\_\_. *De uma ciência para e não tanto sobre o negro*, 1977c. São Carlos: Coleção EOO/UEIM-UFSCAR, Série Produção Intelectual.
- \_\_\_\_\_. *Educação e questão racial - plano de curso*, circa 1979. São Carlos: Coleção EOO/UEIM-UFSCAR, Série Produção Intelectual.
- \_\_\_\_\_. Etnia e compromisso intelectual. In: GTAR (Org.). *II Semana de Estudos Sobre o Negro na Formação Social Brasileira – Caderno de Estudos*. Niterói: UFF, 1977a; p. 22-7. São Carlos: Coleção EOO/UEIM-UFSCAR, Série Produção Intelectual.
- \_\_\_\_\_. *Etnia e compromisso intelectual* [rascunho], São Paulo, 1977b. São Carlos: Coleção EOO/UEIM-UFSCAR, Série Produção Intelectual.
- \_\_\_\_\_. *Falência da Universidade ou falência das elites?*, circa 1974. São Carlos: Coleção EOO/UEIM-UFSCAR, Série Produção Intelectual.
- \_\_\_\_\_. *Projeto de Pesquisa tendo em vista a Dissertação de Mestrado Ideologia Racial – Estudo de Relações Raciais*, 1972. São Carlos: Coleção EOO/UEIM-UFSCAR, Série Produção Intelectual.
- \_\_\_\_\_. O mulato, um obstáculo epistemológico. *Revista Argumento*, São Paulo, ano I, n. 3, jan. 1974, p. 65-73. São Carlos: Coleção EOO/UEIM-UFSCAR, Série Produção Intelectual.
- \_\_\_\_\_. *O negro e o desenvolvimento da sociedade brasileira*, 1979. São Carlos: Coleção EOO/UEIM-UFSCAR, Série Produção Intelectual.
- \_\_\_\_\_. Ofício de desligamento de Eduardo de Oliveira e Oliveira junto ao Departamento de Fundamentos Filosóficos da Educação da UFSCAR,

circa mai. 1980. Coleção EOO/UEIM-UFSCAR, Série Folhas Volantes [folha avulsa].

\_\_\_\_\_. Uma Quinzena do Negro. In: ARAÚJO, Emanuel (Curadoria). *Para nunca esquecer: negras memórias, memórias de negros*. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2001.

Carta de Eduardo de Oliveira e Oliveira para Carolina [Bori], 25/07/1977. São Carlos: Coleção EOO/UEIM-UFSCAR, Série Correspondências.

Carta de Eduardo de Oliveira e Oliveira para Mary Karasch, 11/09/1978. São Carlos: Coleção EOO/UEIM-UFSCAR, Série Correspondências.

Carta de Eduardo de Oliveira e Oliveira para Dorothy Porter, 10/12/1978. São Carlos: Coleção EOO/UEIM-UFSCAR, Série Correspondências.

Ofício de desligamento de Eduardo de Oliveira e Oliveira junto ao Departamento de Fundamentos Filosóficos da Educação da UFSCAR, circa maio 1980. Coleção EOO/UEIM-UFSCAR, Série Folhas Volantes [folha avulsa].

## Entrevistas

Antonio Candido. Entrevista para o autor em 22/05/2015, na cidade de São Paulo.

Casimiro Pascoal. Entrevista para o autor em 09/09/2015, em São Carlos.

Gilcéria de Oliveira. Entrevista para o autor em 25/05/2015, na cidade de São Paulo.

José Cláudio Berghella. Entrevista para o autor em 19/05/2015, em conversa pelo Facebook.

Recebido em 08 de maio de 2017.  
Aprovado em 28 de junho de 2017.